

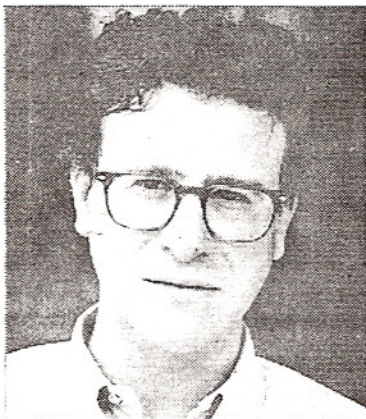
O Sintrense-Benfica

Era um campo de terra mais que batida. Metade da equipa defendia à custa de pontapé para o ar, mas era bonito de se ver. Imagino que os ordenados não eram grande coisa (equilibravam o outro ordenado, o oficial), mas a malta esfarrapava-se toda por um bom resultado. A I Divisão era um sonho. Na encosta de terra também batida, que servia de bancada, lembro-me dos sócios a abanarem a cabeça, face a uma célebre derrota em casa com o Portimonense. Mas continuavam a sonhar: "Qualquer dia o Sintrense vai à primeira..." E ia-se beber um bagacito ao barracão junto às bilheteiras.

Era o velho campo de terra batida do Sport União Sintrense, na Portela de Sintra. O clube militava (como diria Alves dos Santos) na II Divisão Nacional (zona sul), ainda não tinham inventado a Divisão de Honra. Os jogadores ostentavam codícia e pertinácia (como muito bem opinou Alves dos Santos) e jogavam com o Pêro Pinheiro com a mesma alegria com que defrontaram o Benfica, num célebre jogo a contar para a Taça de Portugal.

Nos finais dos anos 60, princípios dos anos 70, o Sintrense chegou a ter algumas boas equipas.

Era no tempo em que os putos iam ao futebol com o pai. Eu ia com o meu, velho viciado em futebol, um optimista mascarado de pessimista, que repetia mil vezes: "Assim não vão lá..."



Naquele tempo, a bola era redonda e jogavam apenas onze de cada lado. Comiam-se queijadas (as da Sapa eram as melhores) e o meu local preferido era junto ao varão do campo, aos saltinhos, à espera de conquistar o privilégio de ir buscar uma "bola fora". Uma vez, nesse saudoso jogo com o Benfica, cheguei a cumprimentar o Matine, um negrão alto e forte, que o meu pai dizia ter "um pontapé mais forte do que o Eusébio". Atrás das balizas estavam duas senhoras de peito feito, louras até dizer chega de água oxigenada. Metade dos sócios presentes, invejosos, quase não viu o jogo: "Olha-me aquelas... são as gajas do Matine".

Era no tempo em que o clube tinha direito ao Totobola. Nesse ano (não me recordo dos números), o Sintrense foi eliminado pelo Benfica mas, no campeonato, ficou na parte

de cima da tabela de classificação. "Prò ano vão lá..." Não foram. Uns tempos depois, Jorge de Mello deixou a Quinta de Ribafria e emigrou para o Brasil. Dizem que as finanças do clube sofreram um grande abanão. Mas o Sintrense aguentou-se na Segunda.

No outro dia, peguei no meu filho e fui matar saudades até à Portela. Agora, o campo... perdão... o estádio, é relvado. Tem bancadas, chuveiros e... porteiros. Antes dos grandes jogos, até o meu Benfica costuma treinar no campo... perdão... no estádio do meu Sport União Sintrense.

E, quando ia a entrar, informaram-me que o acesso é reservado. Só um bocadinho, para ver a relva? Não senhor, o acesso é reservado.

Pois é! O Sintrense, agora, tem estádio, tem relva, tem porteiro, provavelmente até tem jogadores mais ou menos bem pagos. Mas hoje, de descida em descida, o Sintrense marca passo na Série E da III Divisão.

Com tanta relva e acessos reservados, desconfio que hão-de passar muitos e maus anos até que o amarelo-azul sintrense defronte oficialmente o vermelho-rubro benfiquista. Mas um dia, no próximo Sintrense-Benfica, volto a torcer pelo empate. ■

*Victor Bandarra
Jornalista (TVI), 36 anos
Nasceu em Sintra*